

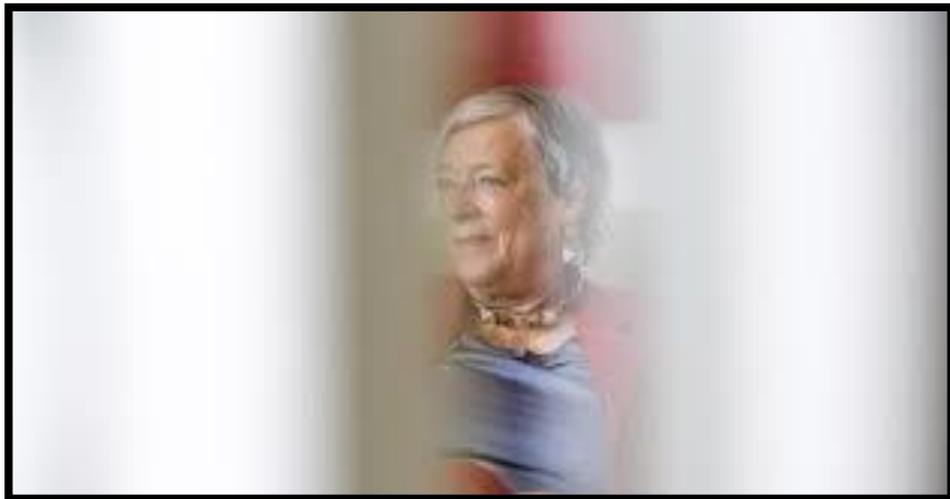


IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

"A transformação social mais profunda que ocorreu no século XX terá sido o reordenamento das relações entre homens e mulheres".
Ana Vicente

...a Ana Vicente entrou, para sempre, na alegria de Deus.
Frei Bento Domingues



Este artigo, embora seja escrito em memória de Ana Vicente (1945-2015), não pretende ser um *In Memoriam*, tal como geralmente se redige para os epitáfios, mas apenas uma evocação dos seus percursos de vida e uma



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

referência à sua obra. É, sobretudo, uma manifestação de saudade e uma afirmação de que a sua voz continua presente no coração de quem teve o privilégio de a conhecer e com ela dialogar durante mais de trinta anos, tendo, ao longo desse tempo, aprendido a admirar a dedicação e a integridade da sua actuação a favor das grandes causas sociais e de cidadania, o seu envolvimento na luta pela condição das mulheres e a sua visão católica do mundo.

Como traços da personalidade ímpar de Ana Vicente creio que se poderiam destacar a serenidade, a delicadeza para com os outros assim como as convicções fortes pelas quais lutava e o sorriso permanente. Conseguia aliar o rigor britânico com uma visão optimista do mundo e com um entusiasmo contagiante pelo que há de belo na vida, mantendo sempre activo o seu interesse pelo prazer da leitura e a sua atenção a tudo o que a rodeava.

Tal como escreveu num prefácio¹, a propósito de outras intelectuais portuguesas, actuou no nosso país como uma "musa inquietante", "sem pedir licença a ninguém para fazer florescer os seus talentos e as suas capacidades." Caminhou "...na vida, passo a passo, ultrapassando calmamente os múltiplos obstáculos com os quais todas as mulheres se confrontam, mesmo que não os queiram reconhecer.", assumindo sempre a sua autonomia, individualidade e identidade própria e o direito a fazer o seu percurso como escritora, feminista e católica.

Para facilidade de ordenação, dividi o meu texto em cinco partes, que correspondem a várias fases da sua vida e que são breves referências à biografia, à sua vasta produção bibliográfica, às causas pelas quais tão arduamente lutou, ao movimento internacional "Nós Somos Igreja" e, finalmente, à sua edificante e exemplar actuação em relação à doença que a vitimou.

¹ Vidé o Prefácio que me deu a honra de escrever para o meu livro *Intelectuais Públicas Portuguesas – As Musas Inquietantes*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2010, pp. 9-11.



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

Relativamente à informação sobre o percurso de vida, que foi individual e autónomo, sabemos que o seu nome completo era Ana Maria Lowndes Marques Vicente (tendo publicado também como Emma Lowdes), que nasceu em 8 de Fevereiro de 1943, em Lisboa, e faleceu em 19 de Abril de 2015. Era filha da jornalista inglesa Susan Lowndes² e de Luiz de Oliveira Marques, o director e proprietário do jornal *Anglo-Portuguese News*. Era casada com António Pedro Vicente e tinha dois filhos e quatro netos. O seu primeiro emprego terá sido como colaboradora ou secretária do pai, corrigindo provas e escrevendo artigos para o jornal.

Segundo ela própria nos relata, em jovem, os pais nunca a impediram de viajar embora, naquela época, até aos 21 anos não lhe fosse permitido sair do país sem uma autorização explícita do pai e reconhecida pelo notário. Aos 18 anos, depois de ter frequentado St. Julian's School, em Carcavelos, e de ter estado num colégio interno de freiras em Inglaterra, segundo ela, muito exigente em termos intelectuais, foi estudar sozinha para Paris.

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, foi professora no Instituto Superior de Línguas e Administração (ISLA), tradutora 'freelancer', investigadora e autora de mais de uma dezena de livros sobre questões de género, história, biografia, e de várias obras para crianças.

Na sua juventude, foi membro da Acção Católica e empenhou-se em grupos religiosos de oposição à ditadura do Estado Novo, tendo sido uma das primeiras colaboradoras de *Direito à Informação*, uma publicação clandestina destinada a dar notícias sobre a guerra colonial. Aos 22 anos, integrou a cooperativa "Pragma", um grupo dos católicos progressistas,

² Em 2012, Ana Vicente depositou toda a documentação produzida por sua mãe como correspondente de imprensa no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, com vista ao seu tratamento e posterior divulgação.



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

de que acabou por ser dirigente e cujo presidente era Nuno Teotónio Pereira, tendo, por esse motivo, sido presa pela polícia política, durante alguns dias, em Caxias.

Após o 25 de Abril, ingressou na Administração Pública e trabalhou com Maria de Lurdes Pintassilgo, então, ministra dos Assuntos Sociais e depois com Leonor Belega, ministra da Saúde. Foi Presidente da Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (CIDM), entre 1992 e 1996, tendo-se sempre manifestado como defensora activa dos direitos das mulheres, foi também Secretária Executiva do Programa Nacional de Combate à Droga - Projecto Vida e Consultora de diversos organismos não-governamentais e internacionais, como o Fundo das Nações Unidas para a População, trabalhando em programas de saúde reprodutiva com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

Aposentada desde Dezembro de 1998, manteve-se sempre interessada no bem-estar dos que a rodeavam e extremamente sensível ao sofrimento dos mais vulneráveis, em especial as crianças, e veio, por isso, a integrar o grupo CID – Crianças, Idosos, Deficientes, Cidadania, Instituições³, cuja sigla, segundo Daniel Serrão, deve ser lida como defesa de Crianças, Idosos e Deficientes mas, também, como responsabilidade do exercício da Cidadania, das diversas Instituições e como respeito pelos Direitos Humanos. Movida pelos mesmos princípios, foi, igualmente, membro do Fórum de Educação para a Cidadania, cujos trabalhos terminaram em Maio de 2008; membro fundador da Associação de Lares Familiares para Crianças e Jovens intitulada "Novo Futuro"; da Amnistia Internacional e da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres. Continuou, entretanto, a sua actividade como

³ O Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social, CID - Crianças, Idosos e Deficientes - Cidadania, Instituições e Direitos existe desde 2003 e "visa a melhoria da qualidade do atendimento, a implementação de boas práticas e a prevenção dos maus tratos nas instituições que acolhem crianças abandonadas, jovens em risco, idosos sem família e pessoas portadoras de deficiências".



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

investigadora, proferindo conferências, actuando como formadora e escrevendo livros e artigos e dando múltiplas entrevistas na comunicação social⁴.

Mais tarde, participou na criação do movimento internacional reformista "Nós Somos Igreja", que – segundo ela própria relatava - começou com uma petição enviada ao Papa João Paulo II e propunha a transformação de uma igreja rígida e estratificada numa comunidade de crentes aberta, onde havia igualdade para todos os membros.

Ao considerarmos a produção literária de Ana Vicente constatamos que segue a tradição familiar visto que a sua é a quarta geração de mulheres da família que são escritoras pois, tal como disse numa entrevista a Helena de Vasconcelos, em 2 Setembro de 2005:

"Tive uma bisavó, Bessie, feminista do século XIX, que escreveu livros de memórias, a minha avó fez o mesmo – dava-se com muita gente conhecida, com o Churchill e o Henry James, Graham Greene, Katherine Mansfield, por exemplo vivia no meio literário inglês – e a minha mãe recolheu muitos desses textos, editou-os e publicou-os".

Ao analisar a sua vasta obra, vemos também que nela está igualmente patente a coerência que distinguiu a sua vida e assim como o facto de combinar a sofisticação analítica com recomendações pragmáticas.

Escreveu o primeiro livro *Mulheres em Discurso* em 1987, segundo nos diz, porque o Estado português lhe deu essa oportunidade, atribuindo-lhe uma bolsa e teve também o

⁴ Destaco, entre outras, o "Auto-Retrato" escrito para a revista *Faces de Eva*; a entrevista de Julho de 2013 concedida à Revista 2 de o *Público* e conduzida por Anabela Mota Ribeiro; uma entrevista publicada pelo *Correio da Manhã* e outra por Rita Carvalho em *Sol*.



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

apoio do Fundo das Nações Unidas. Nesta obra, em que faz uma contextualização e uma análise de dados, apresenta um panorama da realidade portuguesa de finais do século XX, quando foram feitas as primeiras tentativas de promoção do Planeamento Familiar. Os textos publicados na imprensa regional e na *Crónica Feminina* (1979-1981) e as alterações à Lei do Código de Família, em 1978, também a inspiraram.

Reconstituiu a história da família em *Arcádia – Notícia de uma Família Anglo-Portuguesa* (2006), onde se refere carinhosamente aos pais, dizendo:

"Estas duas pessoas excepcionais, e de uma autenticidade exemplar, gostarão de partilhar com os leitores a sua imensa fé em Deus e o seu compromisso com a mensagem evangélica: 'amai-vos uns aos outros como eu vos amei'..."

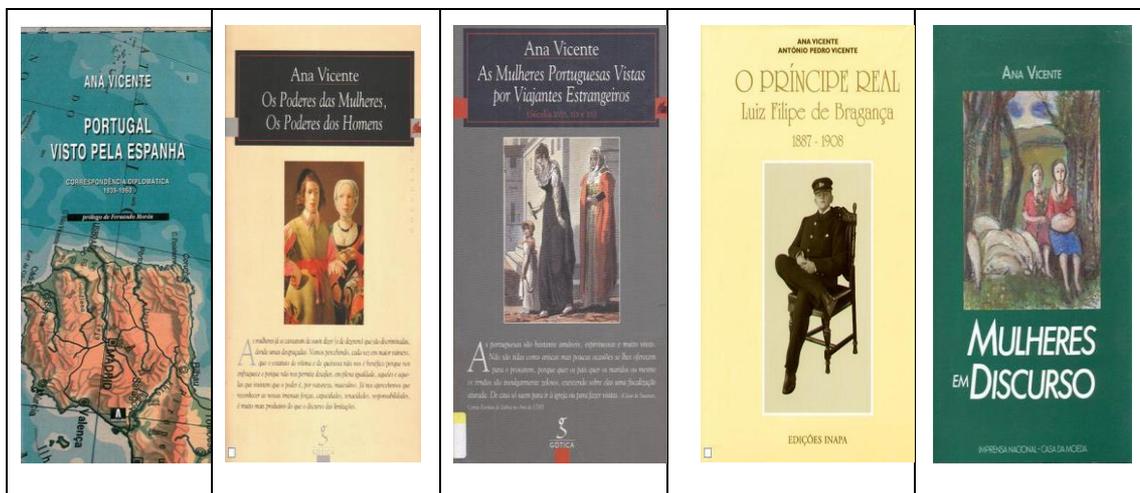
Ao fazer a genealogia da família, foca sobretudo o ramo inglês e materno e refere algumas das instituições britânicas existentes no nosso país. Entre os vários livros de que foi autora, e cujos temas vão da História à Literatura Infantil, destacam-se *Portugal visto pela Espanha, Correspondência Diplomática 1939-1960*, (1992); *Os Poderes das Mulheres, os Poderes dos Homens* (1998, ²2002) no qual fala do reordenamento das relações entre as mulheres e os homens que ocorreu no século XX e refere a diferenciação que as religiões estabelecem entre eles. Fala do desenvolvimento social, político e económico, demonstrando estar convicta da capacidade e dos direitos das mulheres para contribuírem para a mudança e a transformação do mundo; *As Mulheres em Portugal na Transição do Milénio* (1998); *O Príncipe Real, Luiz Filipe de Bragança, (1887-1908)* com António Pedro Vicente (1998); *Direitos das Mulheres/Direitos Humanos* (1999 e 2000); *As Mulheres Portuguesas Vistas por Viajantes Estrangeiros, Séculos XVIII, XIX e XX* (2000 e 2001) em que faz um levantamento da



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

literatura de viagens e a uma análise crítica dos discursos sobre as mulheres portuguesas; *Ser Igreja* (2007) em que foca a primeira década de actividade do movimento internacional "Nós Somos Igreja" em Portugal e *Memórias e Outras Histórias* (2011). Além de publicar livros regularmente, apresentou também dezenas de comunicações e redigiu múltiplos artigos.



Em *Memórias e Outras Histórias*, publicado em 2011, convida os leitores a fazerem com ela uma viagem que, segundo nos diz, é uma trajetória íntima "constituída por milhares de microcosmos que se intersectam com cosmos cada vez mais alargados até que ultrapassam o cosmos visível e entram no plano espiritual, e na interrogação acerca do que poderá acontecer no tempo e no espaço após a morte". E afirma: "Procuro viver os valores que me são mais caros e que radicam no cristianismo: liberdade, igualdade, fraternidade."



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA



Foi igualmente autora com grande sucesso de livros infantis, tais como: *O H Perdeu uma Perna*; *Para que serve o Zero?*; *Onde está o Mi?*; *Onde acaba o Arco Íris?* e *Como passa o Tempo?* (2005-2008).

Ao debruçarmo-nos seguidamente sobre as causas pelas quais a Ana Vicente com tanto empenhamento lutou, apercebemo-nos que, devido à sua abrangência, o tema requer uma abordagem e uma análise que excede as dimensões deste pequeno artigo. Para se ficar com uma ideia, basta pensar, por exemplo, em tudo o que realizou em defesa da condição feminina, dentro e fora da Igreja. A esse propósito, em 1998, em *As Mulheres em Portugal na Transição do Milénio*, afirmava: "Irrompe aqui e ali no nosso país uma saudável 'normalidade' em relação à igualdade que assinalo como manifestação de poder". Considerava que a noção de "guerra dos sexos" estava ultrapassada e que a grande dificuldade era vivermos uns com os outros num ambiente de respeito mútuo. Achava que o problema era "uma constante obsessão de dominância de um grupo sobre o outro" e a falta de igualdade de direitos para deixar florescer as diferenças. Dizia também que um bom exemplo do desequilíbrio era o próprio microcosmos da legislação portuguesa e que era necessário descobrir novos modelos sociais e económicos de desenvolvimento. A sua luta era contra os "clichés", os estereótipos e as ideias feitas e pretendia que fosse incentivada a diferença, a diversidade e o respeito pelo espaço e pela maneira de ser dos outros, ambicionando que houvesse uma nova atitude perante as mulheres na sociedade e igualdade entre os crentes na Igreja a fim de acabarem as situações de discriminação.

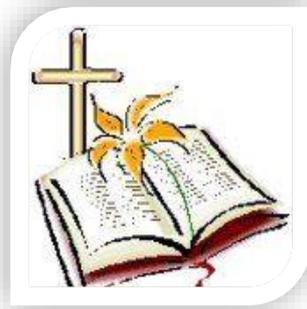
Afirmava ainda que não há um feminismo mas sim feminismos, alargando assim a



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

definição surgida no século XIX. Declarava que se tratava de um movimento social, que se podia provavelmente reputar dos mais importantes do século XX, por ter transformado - e estar a transformar - as relações entre os indivíduos de uma forma profunda. Na sua opinião, os feminismos são uma caminhada importantíssima e baseada numa justiça que o ser humano busca desde sempre: a da igualdade. Essa justiça da igualdade levará a que as pessoas sejam consideradas porque são seres humanos e não por serem mulheres ou homens.



Ao considerarmos seguidamente os grupos reformistas, como o Movimento Internacional "Nós Somos Igreja", que, em 1997, Ana Vicente, juntamente com Maria João Sande Lemos, trouxe para Portugal e em cuja criação esteve envolvida, vemos que, em relação à acima mencionada petição enviada ao Papa João Paulo II, ela chamava a atenção daqueles que pensavam que nada tinha mudado desde então para o facto de que, quando da morte de João Paulo II, os meios de comunicação social terem discutido temas que antes nunca tinham sido abordados, como a ordenação das mulheres, a contracepção, o aborto e o celibato dos padres.

Relativamente à originalidade do Papa Francisco, considerava que a inovação não consistia no facto de ele apresentar uma proposta que tem tido uma repercussão absolutamente extraordinária - apesar de todas as resistências encontradas, dentro e fora da

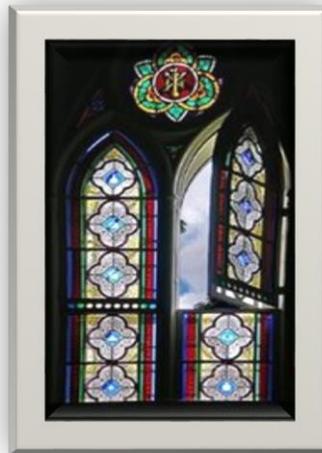


IN MEMORIAM – ANA VICENTE

**MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA**

Igreja - mas sim por ele nos ter ajudado a ver que nada pode ser resolvido se não encararmos o mundo a partir dos excluídos, seja qual for o tipo de exclusão. Embora isso pudesse ser visto apenas como um enunciado doutrinal, Ana Vicente considerava sobretudo importante o facto de o próprio Papa actuar como uma convocatória universal.

Inspirados pelas suas palavras em relação ao Papa, podemos certamente dizer que também ela, pela sua prática de vida pessoal e religiosa, era uma convocatória para quem a ouvia e "uma profecia em acção".



No âmbito da sua análise do mundo que a rodeava, reputava que era urgente a reforma, nomeadamente, da religião e via a história das religiões também como a história da expulsão e da perseguição das mulheres, intolerância essa que, na essência, era totalmente contrária à mensagem da Igreja. Pretendia contribuir para essa reforma através da sua intervenção social, e até política, e, no âmbito da reforma da Igreja Católica, através do movimento "Nós Somos Igreja". Os seus textos revelam bem a coragem e o desassombro das suas convicções, que a levavam a querer uma religião implicada na vivência de todos. Recordava que o Concílio Vaticano II (1962-1965) nos diz que a "Igreja é o povo de Deus" e, por conseguinte,



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

devemos ser membros activos e participantes responsáveis. Para nos salvarmos, temos de viver, celebrar e actuar como Igreja e a nossa salvação apenas acontece através da nossa participação e vivência como membros da Igreja.

Tal como dizia Ana Vicente, a Igreja não é uma pessoa, mas é o povo de Deus, ou seja, é formada por pessoas que vivem, celebram e actuam como suas testemunhas, mesmo quando estão fora do recinto da sua igreja. A fim de justificar a sua afirmação de que "A Igreja somos todos nós", invocava frequentemente, textos bíblicos, como a 1ª Epístola aos Coríntios (12:27), onde lemos "Ora vós sois o corpo de Cristo e os seus membros, cada um pela sua parte." e "Se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria." e, da Epístola de S. Paulo aos Romanos (12:5), citava: "assim nós, embora sejamos muitos, formamos um só corpo em Cristo, e cada um de nós é membro um do outro". Devido à sua formação católica, considerava que a Igreja é a fonte de salvação pelos sacramentos mas que não basta lá estar apenas pelo baptismo, pois, se não se age – tal como ela tão activamente fazia - não se vive, nem se participa na Igreja.

É inegável a grande importância que a religião tinha na sua vida mas não deixava de estar consciente de que, na nossa tradição católica, há desigualdades evidentes em relação à posição das mulheres, como acima referido. A esse propósito, e dentro da sua linha de pensamento, é de referir que, numa cultura onde não era permitido às mulheres estudarem a Torah⁵, Jesus as convidou a se sentarem a seus pés para O ouvirem prégar (S. Lucas 10:38-42) e, embora o trabalho das mulheres as confinasse ao lar, as tivesse incitado a andarem de aldeia em aldeia, como se lê no Evangelho de S. Lucas (8:1-3) e ainda que, numa civilização que não confiava nas mulheres, as tivesse escolhido para testemunharem o épico

⁵ Denominação hebraica dos cinco primeiros livros da Bíblia, que corresponde à expressão grega Pentateuco, que significa "cinco livros". A Torah é também conhecida como a Lei de Moisés.



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

acontecimento da sua Ressureição, como se lê no Evangelho de S. Marcos (16: 1-7)⁶. Ao escolhê-las, Jesus vai formando uma comunidade nova da qual os marginalizados, como eram as mulheres, são parte integrante, tal como Ana Vicente tão enfaticamente afirmou ao longo da sua vida e obra.

É de referir ainda que também S. Paulo levava a cabo a sua missão de evangelização com a ajuda de mulheres que tinham mesmo papéis importantes, como vemos na Carta aos Filipenses (4:2) em que clama por Evódia e Síntique, que são apresentadas como ajudantes de S. Paulo na construção e evangelização da comunidade de Filipos. Em "Actos dos Apóstolo", é também referido como duas mulheres, Lídia (16:11-15) e Priscila (18:1-26)⁷, ajudaram S. Paulo nas suas viagens missionárias. Febe, que serviu de correio transportando a Epístola e sendo a primeira a interpretá-la, é mencionada na Epístola aos Romanos (16:1-2), onde se lê: "Recomendo-vos a nossa irmã Febe, diaconisa da igreja de Cêncreas. Recebei-a no Senhor, como convém a cristãos. Dai-lhe toda a ajuda de que vier a precisar; pois ela tem ajudado muita gente e a mim também." Apesar da sua actuação ter sido silenciada ao longo do tempo, são várias as mulheres mencionadas na Bíblia como tendo participado activamente na formação da nova comunidade: Entre elas, para mencionar apenas algumas, destacam-se Priscila (Epístola aos Romanos 16:3-5) e Trifena e Trifosa "... que trabalharam para o Senhor. "(Epístola aos Romanos 16:12), que se pode considerar que tiveram funções correspondentes às de pregador, apóstolo, dirigente e diácono..

⁶ Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé "... entraram no túmulo ... e ficaram muito assustadas...".

⁷ Na Epístola aos Romanos (16:3-4), S. Paulo escreveu: "Saudai a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, que arriscaram as suas cabeças para salvar a minha vida, o que lhes agradeço."



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA



"Maria, sentou-se aos pés do Senhor para o ouvir falar"

Foi a coragem das suas convicções e a consciência da necessidade de reforma na Igreja - a fim de que a religião passasse a estar mais implicada na vida das pessoas e atenta ao mundo e aos seus sinais - que, decerto fizeram Ana Vicente aderir ao movimento internacional "Nós somos Igreja", que lançou em Portugal em 1998, como acima mencionado. Trata-se de um movimento que advoga a mudança nas estruturas de responsabilidade e autoridade eclesiais e que, tendo tido a sua origem na Áustria, em 1995, com o nome de *Wir sind Kirche*, se veio a tornar uma associação internacional em 1996, e que, vinte anos depois da sua criação, se mantém cada vez mais activa.

Para se avaliar como o movimento pode ter contribuído para a mudança, basta pensar-se que é o próprio Papa Francisco que nos lembra que "todos somos Igreja"⁸ e pede compromisso no testemunho cristão, afirmando que todos os fiéis fazem parte da Igreja e que, tal como Ana Vicente tão frequentemente nos repetia, afirma: "A Igreja não é só os padres: a Igreja somos todos. E se tu dizes que crês em Deus e não crês na Igreja, estás a dizer que não crês em ti mesmo, e isso é uma contradição. A Igreja somos todos! Todos! Daquela

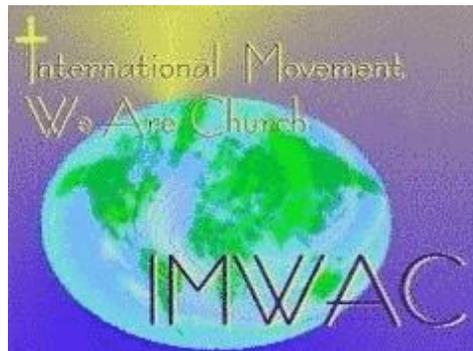
⁸ Perante dezenas de milhares de fiéis presentes na Praça de S. Pedro, no Vaticano, para a audiência geral semanal, Francisco recordou o vínculo existente entre os católicos e a Igreja.



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

criança recentemente batizada que estava ali, até aos bispos, ao papa: todos. Todos somos Igreja e todos somos iguais aos olhos de Deus. Todos."



O Movimento Internacional Nós Somos Igreja (International Movement We Are Church – IMWAC) é uma rede formada por grupos de cristãos católicos, independentes e autónomos, representando culturas diferentes, e unidos no esforço para viver a mensagem de Jesus Cristo. Surgiu devido ao descontentamento de alguns cristãos com a não concretização das inovações e mudanças recomendadas nos documentos do Concílio Vaticano II que, em 1995, trinta e cinco anos depois do Concílio, reuniram mais de dois milhões de assinaturas (na Áustria, Alemanha e Tirol do Sul) em torno do Referendo "Nós Somos Igreja", pela renovação da Igreja Católica.

O documento, centrado nas intenções do Concílio Vaticano II, apontava os pontos relevantes para uma Igreja activa numa sociedade em mudança nas complexas circunstâncias próprias do tempo em que vivemos. O Referendo deu origem ao documento de fundação da rede o "Manifesto do Movimento Internacional Nós Somos Igreja" (A Declaração de Roma, 1996) que foca a necessidade de uma Igreja que valoriza a participação; na qual todos os ministérios estejam abertos a mulheres e homens; o celibato dos padres seja opcional; em que há primado da consciência; que está comprometida com a justiça social e os direitos humanos e onde não há marginalizados.



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

Desde então, num espírito de mudança ou *aggiornamento* inspirado no Concílio Vaticano II, devido a cooperação internacional e a colaboração, o IMWAC tem participado directa ou indirectamente em diversos eventos relacionados com questões eclesiais a fim de contribuir para a construção de uma Igreja comprometida com a justiça e a paz e solidária com todos os excluídos.

Maria João Sande Lemos, a co-fundadora com Ana Vicente do Movimento em Portugal, argumentou que "nos primeiros tempos do Cristianismo, as comunidades cristãs se baseavam na casa das pessoas e as mulheres eram líderes da comunidade", tal como acima referimos. Ocorre a este propósito o Sínodo diocesano convocado pelo Cardeal Patriarca para preparar o Sínodo de 2015 sobre a família e as palavras do Papa Francisco, no final da Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo, em Outubro passado: "Deus é o Deus da lei. É também o Deus das surpresas. Deixem-se surpreender por Deus. Deus não tem medo da novidade."

Como última referência à vida de Ana Vicente, impõe-se mencionar a sua atitude exemplar perante a doença que a vitimou e durante a qual não deixou de estar interessada no "bem-estar" dos outros. Tal como ela própria dizia: "Ter um cancro é uma experiência que muitíssimos doentes vêem como uma nova e não necessariamente terrível fase da vida. [...] Tenho fé, mas sei que quem a não tem pode ter as mesmas experiências que eu: encarar a mortalidade mais ou menos próxima, ninguém sabe, com naturalidade, e desfrutar de novas amizades que se podem encontrar, inclusivé, entre os profissionais de saúde que frequentemente nos circundam. A doença aproximou-me da minha família e das minhas amigas e amigos.". Com efeito, mesmo doente não deixou de querer melhorar o mundo e, por isso, concretizando as suas afirmações, com a ajuda de uma enfermeira do Instituto Português de Oncologia, organizou reuniões com várias pessoas com problemas oncológicos que se juntavam periodicamente para conversar sobre a doença e as suas angústias e esperanças.



IN MEMORIAM – ANA VICENTE

MARIA LAURA BETTENCOURT PIRES
UNIVERSIDADE CATÓLICA

Em 2011, no livro *Memórias e Outras Histórias*, escrevia, a propósito da enfermidade que a atormentava desde há três anos: "Neste, como em qualquer período da nossa vida, o futuro é um país estrangeiro, como dizia um escritor inglês⁹. Estar atenta aos sinais dos tempos em geral e aos que se atravessam no meu caminho, especificamente, é aconselhável. Estar em comunhão com Deus e com o próximo é o bem-estar permanente que procuro.". A este propósito, ela poderia dizer, tal como S. Paulo: "Irmãos, tenho procedido para com Deus, até hoje, com absoluta rectidão de consciência." (Actos dos Apóstolos 23:1-2).

De um modo exemplar, em vez de se deixar abater pela doença, resiste e desafia-a e - com a resiliência típica da sua maneira de ser – em vez de ficar abatida, luta com serenidade, energia e até humor, continuando a ser um exemplo de fé e paciência a seguir e, a seu propósito, evocamos, para terminar, as palavras de Eugénio de Andrade:

"Sê paciente, espera que a palavra amadureça e se desprenda
como um fruto ao passar o vento que o mereça."

⁹ Ana Vicente refere-se ao título de uma palestra de Timo Hannay, o neurofisiologista de Nature Publishing Group, que se inspirou na famosa frase "The past is a foreign country." de L. P. Hartley na sua obra *The Go-Between* (1953), que, em 1971, serviu de base ao famoso filme com o mesmo título.